



O FILHO DO HOMEM E O LEVIATÃ: a imagética da criação no Salmo 8 à luz do Novo Testamento e dos Targumim

THE SON OF MAN AND THE LEVIATHAN:
the creation imagery in Psalm 8 in the light of the New Testament and the Targumim

EL HIJO DEL HOMBRE Y EL LEVIATÁN:
*la imaginería de la creación en el Salmo 8 a la luz del Nuevo Testamento
y de los Targumim*

Eduardo Rueda Neto*

Centro Universitário Adventista de São Paulo.
Programa de Pós-Graduação em Teologia.
São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: eduardo.rueda.neto@gmail.com
ORCID: [0000-0003-0180-3895](https://orcid.org/0000-0003-0180-3895)

Vanderlei Dorneles**

Centro Universitário Adventista de São Paulo.
Programa de Pós-Graduação em Teologia.
São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: vanderlei.dorneles@unasp.edu.br
ORCID: [0000-0001-8147-4838](https://orcid.org/0000-0001-8147-4838)

RESUMO

Este artigo consiste em uma análise exegético-teológica comparativa do Salmo 8, destacando o uso da imagética da criação em sua releitura poético-literária do Gênesis. O estudo examina como o Novo Testamento, com base em precedentes veterotestamentários, expande o horizonte temático do salmo, elevando-o a uma dimensão escatológica na qual o Filho do Homem é apresentado como aquele a quem toda a criação está (e será) sujeita. Também se considera a contribuição do targum do Salmo 8, que menciona a figura do Leviatã em uma possível alusão ao conflito cósmico entre Deus e os poderes do mal. A comparação entre as perspectivas do Antigo Testamento, do Novo Testamento e dos Targumim, juntamente com o contexto histórico-cultural do Antigo Oriente Próximo, revela elementos convergentes que apontam para um quadro apocalíptico, no qual a realização plena do Salmo 8 se projeta para o *eschaton*.

Palavras-chave: Salmo 8; Filho do Homem; Leviatã; targum; escatologia.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Teologia pela Universidad Peruana Unión. Especialista em Linguística e Produção Textual pelo Instituto Brasil de Ensino e em Antropologia e Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes. Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário ETEP e em Letras pela Faculdade de Educação Paulistana. Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília e em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo.

** Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade de Sorocaba e em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo.

ABSTRACT

This article presents a comparative exegetical-theological analysis of Psalm 8, highlighting the use of creation imagery in its poetic-literary rereading of Genesis. The study examines how the New Testament, building on Old Testament precedents, expands the thematic horizon of the psalm, elevating it to an eschatological dimension in which the Son of Man is portrayed as the one to whom all creation is (and will be) subject. The contribution of the targum of Psalm 8 is also considered, as it mentions the figure of Leviathan in a possible allusion to the cosmic conflict between God and the powers of evil. The comparison between the perspectives of the Old Testament, the New Testament, and the Targumim, along with the historical-cultural context of the Ancient Near East, reveals converging elements that point to an apocalyptic framework, in which the full realization of Psalm 8 projects itself toward the eschaton.

Keywords: Psalm 8; Son of Man; Leviathan; targum; eschatology.

RESUMEN

Este artículo consiste en un análisis exegético-teológico comparativo del Salmo 8, destacando el uso de la imaginería de la creación en su relectura poético-literaria del Génesis. El estudio examina cómo el Nuevo Testamento, basado en precedentes veterotestamentarios, amplía el horizonte temático del salmo, elevándolo a una dimensión escatológica en la cual el Hijo del Hombre es presentado como aquel a quien toda la creación está (y estará) sujeta. También se considera la contribución del targum del Salmo 8, que menciona la figura del Leviatán en una posible alusión al conflicto cósmico entre Dios y los poderes del mal. La comparación entre las perspectivas del Antiguo Testamento, del Nuevo Testamento y de los Targumim, junto con el contexto histórico-cultural del Antiguo Cercano Oriente, revela elementos convergentes que apuntan a un marco apocalíptico, en el cual la plena realización del Salmo 8 se proyecta hacia el eschaton.

Palabras clave: Salmo 8; Hijo del Hombre; Leviatán; targum; escatología.

1 INTRODUÇÃO

O Salmo 8, de singular beleza e profundidade teológica e filosófica, tem sido objeto de reflexão tanto no judaísmo quanto no cristianismo ao longo dos séculos.¹ Sendo o primeiro hino de louvor do Saltério, o poema se revela como uma obra-prima da poesia hebraica. Cada palavra e expressão ocupam um lugar exato nessa composição, dirigida diretamente a Deus (Silva, 2022, p. 24). O Salmo 8 celebra a glória, o poder e a benevolência de Yahweh, apresentando-o como protagonista, com o ser humano e o mundo em relação com Ele (Kidner, 2006, p. 81-82), e dando destaque para a natureza e o encargo da humanidade como vice-regente da criação.

Tendo em vista a relevância do Salmo 8 tanto na tradição judaica quanto na tradição cristã, propõe-se, neste artigo, uma breve análise teológica desse poema à luz do Novo Testamento, com suas conexões com o Antigo Testamento, e dos Targumim, traduções

¹ Ver, por exemplo: Peterson (1998), Kinzer (1995), Waltke, Houston e Moore (2015, p. 259-270) e Roszak (2011).

parafrásticas das Escrituras Hebraicas para as comunidades judaicas que falavam aramaico. Tal recorte, incluindo essas fontes literárias (Novo Testamento e Targumim), justifica-se pelo fato de que estas ampliam significativamente o horizonte de compreensão do Salmo 8 e colocam em perspectiva uma interpretação apocalíptica do poema, a partir da imagética da criação nele empregada. Ocasionalmente, outros textos do Antigo Testamento também serão trazidos para a discussão, a título de referência e comparação.

Este estudo adota uma metodologia exegético-teológica comparativa, combinando análise dos textos nos idiomas originais (hebraico, grego e aramaico), estudo literário e canônico do Salmo 8 e comparação intertextual com o Novo Testamento, os Targumim e tradições do Antigo Oriente Próximo, visando a uma interpretação mais ampla do salmo em questão.

2 O SALMO 8 E SEU CONTEXTO HISTÓRICO, LITERÁRIO E TEOLÓGICO

O saltério hebraico, uma coleção de 150 poemas, canções e orações, foi escrito ao longo de muitos séculos, refletindo diversas experiências históricas e religiosas de Israel. Com salmos atribuídos a Davi e a outros autores, esse conjunto poético foi fundamental para a adoração israelita/judaíta, sendo utilizado em celebrações no Templo e na vida diária para expressar uma ampla gama de emoções, desde louvores a súplicas. A coleção faz parte da literatura poética e sapiencial da Bíblia Hebraica, sendo marcada pelo uso de paralelismos e figuras de linguagem. Especificamente sobre o Salmo 8, sua data e autoria exatas não podem ser determinadas a partir de seu conteúdo (Craigie, 2004, p. 106); apesar disso, a tradição judaica o atribui a Davi, hipótese não contestada por muitos comentaristas (Carvalho, 2014, p. 74).

No contexto canônico, o Salmo 8 pertence ao Livro I do Saltério (Sl 1–41) e é visto como o primeiro dos “salmos da natureza”, que exaltam a glória de Deus na criação. Ele também é considerado um poema messiânico, pois seu conteúdo é consistentemente aplicado a Cristo no Novo Testamento (cf. Mt 21:16; 1Co 15:27; Ef 1:22-23; Hb 2:5-8). Embora o Salmo 8 não apresente traços messiânicos evidentes por si sós, a tipologia permite que seja reconhecido como tal, fato identificado pelos autores neotestamentários (Leupold, 1959, p. 101).

No que concerne às características poético-literárias que enriquecem o Salmo 8,

destacam-se: o uso de *inclusio*²; paralelismo e merisma; antítese e paradoxo; rima e aliteração; a alternância dos nomes/títulos divinos; a variação entre Céu e Terra (transcendente e imanente); uma estrutura concêntrica em torno da partícula hebraica *mah* (que denota exclamação e/ou interrogação), com a questão central sobre a insignificância do homem diante da majestade de Deus; entre outros aspectos.³

Quanto à temática, o poema apresenta o ser humano como representante de Deus na criação, exaltando sua posição, mas deixando claro que essa glória deriva inteiramente de Deus (Grzybek, 2020, p. 203; Maré, 2006, p. 929). A estrutura concêntrica (quiástica) do salmo coloca o ser humano como o clímax da criação divina, mas o tema central é Deus, o Criador, e sua relação com o cosmos, incluindo a humanidade (Grzybek, 2020, p. 203). O Salmo 8 também evoca o ambiente paradisíaco do Éden, retratando, de maneira idealizada, o ser humano como governante da Terra, sem menção à queda e suas consequências (Eaton, 2003, p. 80). Com sua ênfase na natureza e na criação, e sendo uma releitura poética do Gênesis, o Salmo 8 retrata uma cosmovisão completa, interligando Divindade, humanidade e cosmos (Silva, 2022, p. 24).

Como já mencionado, a estrutura do Salmo 8 é concêntrica, dando destaque para a majestade de Deus e a dignidade do ser humano concedida pelo Criador — apesar de sua insignificância perante o cosmos. Essa estrutura quiástica, como se nota no esquema a seguir (Fig. 1), se delineia tendo como referência a partícula hebraica *mah* (pronome interrogativo/exclamativo traduzido como “quem”, “quê?”, “quão” etc.).

Figura 1 – Estrutura do Salmo 8

- A. A majestade de Deus revelada no cosmos (v. 1) — *mah* (“Quão magnífico... é o teu nome...!”)
- B. O domínio de Deus (v. 2-3)
 - C. A insignificância humana (v. 4) — *mah* (“Que é o ser humano...?”)
 - C'. A dignidade humana (v. 5)
- B'. O domínio do homem (v. 6-8)
- A'. A majestade de Deus revelada no cosmos (v. 9) — *mah* (“Quão magnífico... é o teu nome...!”)

Fonte: Os autores.

A seguir, é oferecida uma tradução do Salmo 8 a partir do texto disponível na *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (Elliger *et al.*, 1997, p. 1.091) e das informações que constam em seu aparato crítico:

² *Inclusio* é um recurso literário em que uma composição é estruturada de modo a começar e terminar com ideias ou expressões semelhantes, criando uma espécie de moldura temática.

³ Entre os autores que abordam esses aspectos, estão: Silva (2022); Maré (2006); Prinsloo (1995).

Salmo 8

Ao regente; sobre a guítite. Salmo de Davi.

- 1. Yahweh, Senhor nosso, quão magnífico é o teu nome em toda a Terra!**
Por quanto puseste sobre os céus a tua majestade.
2. Da boca dos bebês e dos que mamam constituíste força, por causa dos teus adversários, a fim de fazeres cessar tanto o inimigo quanto o vingador.
3. Quando vejo os teus céus, obras dos teus dedos; a lua e as estrelas que estabeleceste,
4. que é o ser humano mortal, para que dele te lembres? E o filho do homem, para que com ele te importes?
5. Porém, tu o fizeste um pouco menor do que Deus, e de glória e honra o coroaste.
6. Tu o fazes dominar sobre as obras das tuas mãos; sob os seus pés, tudo colocaste:
7. todos os caprinos e bovinos; também os animais selvagens do campo;
8. os pássaros dos céus e os peixes do mar; o que atravessa as sendas dos mares.
- 9. Yahweh, Senhor nosso, quão magnífico é o teu nome em toda a Terra!**

Na leitura do Salmo 8, ficam evidentes os seguintes pontos: (1) O refrão que emoldura o salmo destaca a magnificência de Yahweh em toda a criação (v. 1a, 9). (2) Deus exibe sua glória, de modo especial, na expansão do céu (v. 1b). (3) O Deus transcendente é exaltado também na imanência (crianças) e faz calar seus inimigos (v. 2). (4) Diante da grandeza do cosmos criado, o ser humano (*enosh*, ser humano mortal; *ben-adam*, filho do homem, filho de Adão) se dá conta de sua pequenez e se pergunta quem é perante Deus (v. 3-4). (5) Deus dignificou o ser humano apesar de sua insignificância, fazendo-o mordomo, vice-regente ou rei-vassalo da criação. O Criador lhe sujeita as obras das suas mãos: animais terrestres, aéreos e aquáticos (o vocabulário hebraico e outras características literárias indicam se tratar de uma releitura poética da narrativa da criação e do estado edênico nos capítulos iniciais do Gênesis).

No cenário retratado pelo salmista, sobressaem alguns elementos que compõem a imagética da criação, em sua reconstrução poética de Gênesis 1 e 2. A cosmologia do salmo é dividida em dois níveis: o sideral (celeste) e o terreno. O primeiro é composto pelos céus, pela lua e pelas estrelas; o segundo, pela terra e pelas criaturas que a habitam: como já mencionado, animais terrestres (domesticáveis e selvagens), aéreos e aquáticos — numa ordem inversa àquela narrada no Gênesis.⁴ Ainda ecoando o contexto da criação, os personagens principais são Deus (*elohim*)/Yahweh e o ser humano/filho do homem (*enosh/ben-adam*), este último tendo sido feito “pouco menor do que Deus”⁵ e constituído

⁴ Ver: Waltner (2006, p. 63).

⁵ Na interpretação do Salmo 8:5, o termo *elohim* tem sido traduzido de três maneiras principais: (1) como “Deus”, referindo-se ao ser humano como uma “cópia” do Criador, numa alusão à criação “à imagem e semelhança” divina (Gn 1:27-28); (2) como “deuses” ou “seres divinos”, interpretando *elohim* como os seres poderosos que compõem o concílio celestial (cf. Sl 82:1ss; Jó 1:6ss; 1Rs 22:19ss; etc.); e (3) como “anjos” (assim traduzem a Septuaginta, a Peshitta e os Targumim), enfatizando uma distinção maior entre o homem e Deus e colocando os anjos como seres intermediários nessa relação (ver o uso que o Novo Testamento faz dessa tradução, em Hebreus 2:5-9).

governante da Terra, o que remete a Gênesis 1:26-28, texto segundo o qual o ser humano foi feito à imagem e semelhança do Criador e posto para dominar a criação. Em Salmos 8:6, o verbo *mashal* (governar, ter domínio, reinar) é sinônimo de *radah* (ter domínio, governar) e *kavash* (subjugar, dominar), empregados em Gênesis 1:26, 28.

Nota-se, portanto, que o Salmo 8 é profundamente dependente da imagética da criação, enraizada nos primeiros capítulos do Gênesis, ampliando e reafirmando o quadro da narrativa bíblica das origens. Por sua vez, como se verá a seguir, a leitura que o Novo Testamento faz do Salmo 8 expande ainda mais esse quadro, elevando a uma dimensão escatológica as imagens associadas à criação.

3 O SALMO 8 E O NOVO TESTAMENTO: O FILHO DO HOMEM DOMINA A CRIAÇÃO

O Novo Testamento traz um importante aporte à interpretação do Salmo 8 na medida em que amplia seu horizonte ao aplicar sua linguagem e suas imagens ao Messias a partir de uma perspectiva escatológica. A primeira passagem neotestamentária que cita o Salmo 8 é Mateus 21:16, texto em que Jesus relembra o versículo 2 do poema davídico para contestar os líderes judeus incomodados com o louvor que as crianças lhe davam como “Filho de Davi” (um título claramente messiânico). As próximas passagens a citar o Salmo 8 se encarregarão de acrescentar à sua leitura um teor escatológico, possivelmente a partir da lógica da tipologia bíblica.⁶

Em 1Coríntios 15:27, o apóstolo Paulo usa praticamente o mesmo vocabulário que a Septuaginta emprega no versículo 6[7, LXX] do salmo, ao dizer que “todas as coisas [...] ele [Deus] sujeitou sob seus [de Cristo] pés” (*panta [...] hypetaxen hypo tous podas autou*).⁷ O contexto trata da ressurreição dos mortos e da ocasião em que Cristo, a quem todas as coisas foram submetidas pelo Pai (e ainda o serão plenamente; v. 28), entregará o reino de volta a ele, na consumação da história. De acordo com Ciampa e Rosner (2014, p. 927), nessa passagem,

Paulo une dois salmos de forma primorosa [Sl 8 com Sl 110:1, que diz: “Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés”]. Seu argumento é que

⁶ Segundo DeVries (1988, p. 2109), tipologia é o “ramo da interpretação bíblica em que um elemento encontrado no Antigo Testamento prefigura outro encontrado no Novo Testamento”. Para estudos aprofundados sobre a tipologia bíblica, recomenda-se a leitura de Goppelt (2021) e Davidson (1981).

⁷ O texto da Septuaginta traz: *panta hypetaxas hypokatō tōn podōn autou* (todas as coisas sujeitaste sob seus pés). Neste artigo, as citações da Septuaginta se baseiam na edição crítica de Rahlfs (2006); e as do Novo Testamento, na edição crítica de Aland *et al.* (2012).

Cristo, o Último Adão, restaurou a condição que o primeiro Adão perdeu.

De forma semelhante, em Efésios 1:22, Paulo usa, numa prece, exatamente as mesmas palavras de antes para dizer que “todas as coisas ele sujeitou sob seus pés” (*panta hypetaxen hypo tous podas autou*). Novamente, o sujeito da oração é Deus, o Pai, que submete ao Cristo glorificado todas as coisas criadas. De novo, é possível que Paulo esteja mesclando o cenário do Salmo 110 com o do Salmo 8. A ênfase da passagem de Efésios é no poder divino, que se manifestou na ressurreição de Cristo e sua entronização no Céu, acima de todas as coisas. Em consonância com os salmos mencionados acima, aos quais o texto faz alusão, “Deus não somente conquistou os inimigos cósmicos de Cristo ao ressuscitá-lo dos mortos e exaltá-lo à sua direita, mas também sujeitou-lhe toda a criação” (Thielman, 2014, p. 1.011-1.012).

Por último, o autor de Hebreus (2:6-8) também cita o Salmo 8 (v. 4-6) para fundamentar seu discurso a respeito da superioridade de Cristo e de seu sacerdócio. Nessa aplicação do texto do Saltério, Jesus é apresentado como aquele que, por um pouco, foi feito menor que os anjos — uma referência à encarnação — e, após ter experimentado o sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra. Sob seus pés foram postas todas as coisas, embora isso “ainda não” (*oupō*) seja completamente visível (Hb 2:8-9). O “ainda não” subentende que um dia será. Segundo Guthrie (2014, p. 1163), nessa passagem de Hebreus, o uso do Salmo 8 — novamente em analogia com o Salmo 110:1 (citado em Hb 1:13) — “sugere que a comissão divina de Adão como rei sobre a criação de Deus foi cumprida em Cristo, o Último Adão escatológico”. Contudo, é preciso lembrar que “a realidade foi inaugurada, mas a consumação virá numa época futura”, pois “a subjugação completa de todas as coisas ainda está por vir”.

O elemento comum a todas essas últimas passagens é o Cristo/Messias que foi exaltado por Deus e sob cujos pés foram submetidas todas as coisas, sujeição essa que só será plena na consumação dos tempos. Os três componentes articulados no Salmo 8 — Deus, o cosmos e o ser humano — também estão presentes na aplicação tipológica que o Novo Testamento faz do poema. A diferença é que o Novo Testamento o eleva a uma dimensão transcendental e apocalíptica ao substituir a figura do homem comum (*enosh/ben-adam*) pela de Cristo, o Homem perfeito, o “último Adão” (1Co 15:45).

O “filho do homem” do Salmo 8 é substituído pelo “Filho do Homem” cristológico e escatológico. (É preciso lembrar que “Filho do Homem” é uma expressão comum na literatura apocalíptica, tanto bíblica quanto extrabíblica, para designar um herói divino-humano e messiânico; ver, por exemplo, o Livro de Enoque, Daniel 7:13-14 e Apocalipse 1:13;

14:14.⁸) Assim como o “filho do homem” do Salmo 8 reina sobre a criação divina com autoridade delegada por Yahweh, o Filho do Homem (Cristo), igualmente, recebeu autoridade para governar a totalidade do cosmos — governo esse, no entanto, que só será completo no *eschaton*. Ao fazer essa transposição, é como se o Novo Testamento subentendesse que o pleno domínio sobre a criação — interrompido pela queda (cf. Gn 3), mas idealizado poeticamente no Salmo 8 — só se efetivará por intermédio de Cristo no fim da história. Em outras palavras, em Cristo, o *archē* (princípio) se torna pleno no *eschaton* (fim).

É importante dizer, ainda, que essa releitura apocalíptica do Salmo 8 e, por conseguinte da narrativa da criação do Gênesis, parece não ser exclusiva do Novo Testamento. Já no Antigo Testamento, a visão de Daniel 7, por exemplo, coloca claramente o Filho do Homem recebendo de Deus (o “Ancião de Dias”) o reino e governando acima das bestas-feras contempladas pelo profeta.⁹ Essas bestas — que simbolizam impérios e, indiretamente, as forças do mal — reúnem características de animais terrestres (leão, urso, leopardo), aéreos (asas) e aquáticos (emergem do mar), representando toda a fauna, exatamente como se vê no Gênesis e no Salmo 8.

No texto visionário de Daniel, contudo, o cenário da criação não é edênico e idealizado, como no Salmo 8, mas caótico. A sequência de poderes rebeldes retratados em quatro bestas híbridas provenientes do “grande mar” exerce, de forma predatória, o “domínio” (cf. Dn 7:3, 6, 12). O aspecto híbrido e animalesco das quatro figuras indica que elas exercem tal domínio numa condição de caos, em que a criação original foi subvertida, supostamente pelo evento da queda (cf. Gn 3:15).¹⁰ Segundo Genesis 1:26, o ser humano exerceria domínio sobre toda a criação, incluindo as bestas, mas Daniel 7 retrata um contexto de inversão dessa ordem, em que “bestas simbólicas governam sobre a terra” (Prestes, 2023, p. 295). No entanto, uma figura descrita como “filho do homem”, ou seja, não da linhagem nem da natureza das bestas, recebe do “Ancião de Dias” o “domínio” para, então, devolvê-lo aos “santos do Altíssimo” — naturalmente uma nova humanidade, da mesma natureza do “filho do homem” e diferente daquela representada na figura das bestas (Dn 7:13-14, 22, 27).¹¹

⁸ Ver também: Rueda Neto (2018).

⁹ Em Daniel 7, a figura do Filho do Homem aparece em contraste com os quatro animais vistos anteriormente pelo profeta, como que representando o quinto reino, ou o reino do Céu (Smith, 2001, p. 403). Segundo Smith (2001, p. 404), “o filho do homem é representado como ser humano que vem das nuvens, para contrastar seu reino com o dos monstros que vêm do mar”.

¹⁰ Ver: Chilton (1987, p. 304).

¹¹ Ver: Prestes (2023, p. 292-307).

Como se pode notar nos textos neotestamentários analisados anteriormente, toda essa representação escatológica da criação, com sua ênfase no domínio do Filho do Homem sobre o cosmos e as forças do mal, parece ter sido ecoada na maneira pela qual o Novo Testamento aplica o Salmo 8.

4 O SALMO 8 E OS TARGUMIM: O FILHO DO HOMEM SUBJUGA O LEVIATÃ

A perspectiva apocalíptica do Salmo 8, com sua imagética da criação, apresentada pelo Novo Testamento parece encontrar ressonância também em outra fonte literária ou tipo textual: os targuns, ou targumim, traduções ou paráfrases aramaicas das Escrituras Hebraicas.

Após o exílio babilônico, o hebraico deixou de ser amplamente falado entre os judeus. Embora os estudiosos ainda dominassem a língua e os textos sagrados, foi preciso traduzir o Antigo Testamento hebraico para o aramaico, a fim de que a maioria da comunidade judaica pudesse comprehendê-lo (Widder, 2013, p. 77). Não se sabe ao certo quando os primeiros targumim escritos surgiram, e sua datação não é tarefa simples (Chalice, 2013, p. 20). Entretanto, sabe-se que refletem uma tradição oral bastante antiga. Em geral, considera-se que os targumim foram produzidos entre o início do 2º século AEC e o final da Idade Média (Andrade; Ribeiro, 2020, p. 56).

Quanto ao Targum dos Salmos, de forma específica, alguns acreditam que foi composto após o 5º século EC, pertencendo ao judaísmo rabínico (Edwards, 2008, p. 785-786). Embora não tenha tanto prestígio quanto outros targumim bem reconhecidos, como o Targum Onkelos, do Pentateuco, e o Targum Jonatã, dos Profetas, o Targum dos Salmos é um excelente indicativo de como a interpretação judaica antiga entendia os textos do Saltério, muito mais se considerarmos a possibilidade de a tradição oral nele registrada remontar ao 1º século EC (Briggs; Briggs, 1906, p. xxxii).¹²

Em linhas gerais, o targum do Salmo 8 não se distancia muito do original hebraico, a não ser pela forma de traduzir o versículo 8[9].¹³ A construção participial hebraica *over orchoth yammim* tem sido comumente traduzida de duas formas. A alternativa mais seguida pelas versões em geral é considerar essa parte do versículo 8[9] um aposto que amplia e generaliza o que vem antes (“peixes do mar”), ou seja, “o que atravessa as sendas dos mares”,

¹² Para mais informações sobre os targumim, ver: Alexander (1992), Chilton (2000), Ehorn (2016), entre outros.

¹³ Neste artigo, o targum foi citado a partir do texto disponível no site Sefaria (Aramaic Targum to Psalms 8, 2024), biblioteca digital de textos judaicos.

designando tudo o que, além dos peixes propriamente, passa pelos caminhos dos oceanos. Outra alternativa, menos comum, é traduzir como fez a *Bíblia de Jerusalém*, como o que parece ser uma referência ao ser humano: “quando percorre ele [o ser humano?] as sendas dos mares”. O targum, porém, segue outra direção, vertendo a expressão hebraica por *weliwyathan dechalisrate yama* (“e o leviatã que percorre as sendas do mar”).

Sabe-se que,

Na mitologia cananeia antiga, “leviatã” era uma serpente de sete cabeças que lutava contra os deuses e as forças do bem, portanto, era considerado uma incorporação das forças do mal. Textos cananeus antigos de Ras-Shamra [...] falam de um monstro, “Lotã”, de sete cabeças, o qual se crê ser o mesmo referido na Bíblia como “leviatã” (do heb. *Liwyathan*). No antigo mito mesopotâmico da criação, havia uma tradição de um conflito original entre os deuses e um dragão (Nichol, 2013, p. 208).¹⁴

Esse réptil misterioso é mencionado em vários lugares na Bíblia Hebraica (por exemplo, Jó 3:8; 41:1ss; Sl 74:14; Is 27:1), sendo algumas vezes traduzido como “crocodilo”, “dragão” e “monstro marinho” (ARA), ou mesmo “Leviatã” (ARC). Ao empregar o termo *liwyathan*, bem como referir-se a outros “monstros” como *rahav*, *tannin* e *behemoth*, o texto bíblico parece dialogar com o contexto do Antigo Oriente Próximo (AOP), utilizando-se de uma referência cultural predominante para ilustrar o conceito de mal.¹⁵ Conforme expresso por Davis (2005, p. 743), “Leviatã pode bem ser uma criação da fantasia popular, um monstro marinho imaginário de que os poetas e os profetas inspirados de Israel se serviam para ilustrações da verdade”. Outra possibilidade, associada a essa, é que tanto a cultura do AOP quanto a Bíblia estejam ecoando a tradição da Antiguidade que veio a ser registrada no Gênesis, a narrativa da rebelião da serpente primordial (Satanás) contra Deus.

Ao empregar o termo *liwyathan*, o targum do Salmo 8 parece evidenciar uma percepção judaica derivada de textos dos Salmos, de Isaías, Ezequiel e Jeremias. Esses textos empregam *liwyathan* associado a *tannin*, o que ajuda a interpretar o significado do primeiro. Em Salmos 74:13-14, os termos *liwyathan* e *tannin* são usados em paralelo, como se retratassem “o mesmo poder maligno” (Grogan, 1986, p. 170), sendo, ambos, traduzidos na Septuaginta por *drakōn* (dragão). O mesmo ocorre no texto grego de Isaías 27:1. Ezequiel 29:3, por sua vez, emprega o termo *tannin* em referência ao Egito, e Jeremias 51:34 o utiliza para falar de Nabucodonosor, rei da Babilônia. Nesses dois casos, também, *tannin* é vertido na Septuaginta como *drakōn* e parece indicar que os reis/reinos ímpios eram vistos como

¹⁴ Para um estudo aprofundado sobre a imagem da serpente de sete cabeças, ver Dorneles (2017; 2020; 2025).

¹⁵ Para mais informações sobre a figura do Leviatã na Bíblia e na cultura do AOP, ver: Walton, Matthews e Chavalas, 2018, p. 663-664, 702, 801-802, 1057; Mangum e Hamilton (2016); Day (1992), entre outros.

uma espécie de encarnação do mal cósmico.

Essa associação por paralelismo entre *liwyathan* e *tannin* permite ver nesses textos uma alusão ao relato da criação, em que Deus criou os seres vivos das águas, dentre eles os *tanninim*, ou “grandes animais marinhos” (Gn 1:21). Sendo assim, *liwyathan*, que é empregado em paralelo com *tannin*, pode representar uma referência a esses grandes animais marinhos, como parte da criação sujeita ao domínio divino e humano. Na condição de queda e caos, no entanto, essas figuras bestiais são retratadas exercendo domínio sobre os humanos (cf. Dn 7; Jr 51:34; Ez 29:3).

É interessante notar que, ao passo que Gênesis 1:21 menciona esses animais no plural (*tanninim*), criados segundo sua espécie, em grandes manadas ou cardumes, e apesar de o Salmo 74 também mencionar *tannin* no plural, os profetas usam esse termo no singular. De igual forma, tanto em Salmos 74:13-14 quanto em Isaías 27:1, o *liwyathan* é referido no singular. O mesmo ocorre no targum do Salmo 8. Esse predomínio do singular no emprego de *liwyathan* e *tannin* possibilita uma associação entre essa figura e a da “serpente” em Gênesis 3:1, que também é citada no singular, em contraste com as bestas criadas. Nesse texto, a serpente (*nachash*) é inserida no relato precedida de artigo definido (*ha*), de forma que a figura em questão é “individualizada”, ao contrário dos seres criados no relato de Gênesis 1 e 2, em que todos são mencionados de forma coletiva e plural (Doukhan, 2016, p. 90). Essa individualização da serpente, que inclusive é colocada como “mais sagaz” (Gn 3:1) que os animais selvagens, sendo ela mesma parte dos que rastejam, permite inferir que o texto não se refere a um animal, simplesmente. A serpente é, portanto, “não um mero animal; ela é apresentada como um ser sobrenatural de proporções cósmicas” (Doukhan, 2016, p. 90).

De fato, a “serpente” é introduzida de forma abrupta no relato da criação, como se já fosse dada ou conhecida. O mesmo ocorre, nos textos mencionados anteriormente, com *liwyathan* e *tannin*, os quais são individualizados, como se fossem já conhecidos no âmbito da produção desses textos. Do mesmo modo como a serpente em Gênesis 3, *liwyathan* e *tannin* são singularizados e empregados como metáfora do elemento opositor e caótico. Porém, é notório que esse elemento é introduzido de forma individualizada *após* os eventos criativos de Gênesis 1 e 2, como se se tratasse de uma entidade externa à criação, mas que se manifesta através dela.¹⁶

Ao inserir a figura do Leviatã em sua leitura do Salmo 8, muito provavelmente a interpretação targúmica trazia uma consciência desse pano de fundo cultural e bíblico, ainda que, nessa tradução aramaica, a lendária serpente seja, simplesmente, uma representação

dos grandes animais marinhos criados por Deus. Se, porém, o sentido pretendido pelo targum for mais amplo e simbólico, isso pode encontrar eco na parte inicial do salmo. Segundo alguns autores, a menção a “adversários”, “inimigo” e “vingador” (Sl 8:2) pode ser uma referência às forças cósmicas do mal (ou caos) que se opõem à ordem da criação divina.¹⁶ Outros, contudo, preferem a opinião de que os inimigos no Salmo 8 não são “as forças caóticas que Deus conquistou e ordenou no ato soberano da criação”, mas sim “os adversários do rei encontrados nos Salmos 3–7” (Futato, 2009, p. 53). De toda forma, a imagem do Leviatã introduzida pelo targum pode apontar para uma tradição interpretativa que enquadra o Salmo 8 no contexto do conflito cósmico entre Deus e os poderes do mal.

À luz dessa linha de pensamento, outros detalhes do salmo (na versão do targum) se tornam significativos e ajudam a complementar o quadro apocalíptico. Primeiramente, é preciso observar que o targum do Salmo 8 não exclui o Leviatã da lista de criaturas que constituem as obras das mãos de Deus (*ovade yedakh*), assim como o Gênesis inclui a serpente entre os animais feitos pelo Criador (Gn 3:1). Do mesmo modo como ter sido criada por Deus não impediu a serpente genesiana de se opor a ele e se tornar uma incorporação do mal, de forma semelhante, não se deve supor que o Leviatã targúmico não represente as forças do mal simplesmente por estar listado entre as obras de Deus. Em segundo lugar, o meio em que vive o Leviatã, o mar, é uma imagem escatológica muito importante na Bíblia (Sarlo, 2020). Do mar agitado, emergem as bestas-feras apresentadas em Daniel 7, bem como a primeira besta de Apocalipse 13. É também sobre as águas que se assenta a Babilônia escatológica, epítome dos poderes que se levantam contra Deus ao longo da história e no tempo do fim (Ap 17:1, 5, 15). Em terceiro lugar, no contexto do Salmo 8, o Leviatã está sujeito ao ser humano (“filho do homem”, *bar nasha* em aramaico) como representante de Deus. Considerando que, como já visto, o Filho do Homem, na literatura apocalíptica, é uma figura messiânica divino-humana, parece bastante sugestivo o quadro desse Herói escatológico dominando, sob seus pés, a serpente dos mares, representação do mal.

Tal cena estaria em paralelo com outras no cânon bíblico, como, por exemplo, o chamado protoevangelho (Gn 3:15), que anuncia o esmagamento da serpente sob os pés do Descendente da mulher, e Romanos 16:20, que faz alusão ao primeiro texto, identificando

¹⁶ Ver: Terrien (2003, p. 129, 132); Davidson (1998, p. 38); McCann (1996, p. 711); Schökel (1981, p. 70). De fato, diferentes cosmogonias da Antiguidade retratavam a Divindade subjugando as forças monstruosas do caos/mal para estabelecer a ordem do cosmos (Walton, 2021). No entanto, ao contrário dessas cosmogonias, o relato das origens no Gênesis não descreve um conflito entre o Criador e o mundo criado. Não há elementos de resistência nem mesmo por parte do “abismo” à fala criadora. “Deus é retratado nesse relato não como um guerreiro, mas como um artesão ou artista” que não encontra oposição ao seu comando (Middleton, 2004, p. 353).

Satanás como aquele que será esmagado. É igualmente notório o paralelo com o enredo do Apocalipse de João, em que o Filho do Homem (Ap 1:13; 14:14; cf. 12:4-5), na condição de protagonista, vence seu arqui-inimigo, Satanás, representado pelo “grande dragão, a antiga serpente” (Ap 12:9) — uma clara referência à serpente primeva que desencaminhou o primeiro casal (Gn 3).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, foi apresentada uma breve análise exegético-teológica comparativa do Salmo 8, enfocando a maneira pela qual esse hino trabalha a imagética da criação numa releitura poético-literária do relato da criação do Gênesis. Esse estudo incluiu o exame de como o Novo Testamento, seguindo e ecoando precedentes veterotestamentários, amplia o horizonte temático do referido poema, elevando-o a uma dimensão escatológica em que o Filho do Homem (Cristo) é apresentado como aquele a cuja autoridade régia toda a criação é submetida — o cumprimento antitípico do cenário descrito no salmo. Na mesma linha, foi considerada também a contribuição que o targum do Salmo 8 traz à discussão. Destacou-se a menção feita ao Leviatā, tradicionalmente considerado um monstro mítico, símbolo do caos e das forças do mal, mencionado com frequência tanto na Bíblia Hebraica quanto na cultura do AOP. Embora a referência do targum possa ser desprevensiosa, significando apenas uma grande criatura marinha, não se pode descartar a possibilidade de que o sentido simbólico dessa figura estivesse em vista também. Se esse for o caso, tem-se uma releitura do Salmo 8 que, implicitamente, lhe atribui uma dimensão espiritual, descriptiva do conflito entre o bem e o mal.

Se juntarmos a perspectiva escatológica do Salmo 8 trazida pelo Novo Testamento (em diálogo com seus precedentes veterotestamentários, como Daniel 7) com a perspectiva do conflito cósmico sugerida pelo targum ao mencionar o Leviatā (acrescida da hipótese de alguns especialistas quanto aos inimigos de Deus mencionados no início do salmo), temos um interessante cenário apocalíptico que encontra reverberações em toda a Bíblia: o Filho do Homem, representante máximo de Deus, reinando de forma suprema sobre a criação e subjugando a seus pés, de modo definitivo, toda a ordem de entes, incluindo as forças do mal. Esse quadro conecta, de forma histórico-profética, o *archē* ao *eschaton*.

Por fim, embora o Antigo Testamento, o Novo Testamento e os Targumim representem corpos literários e contextos interpretativos diferentes dentro das tradições judaica e cristã, eles estão interligados por meio da herança teológica e do desenvolvimento

orgânico da fé judaico-cristã, de modo que as intersecções indicadas neste trabalho são de grande relevância. Além disso, as coincidências temáticas e estruturais detectadas entre esses textos sagrados e a cultura do AOP sugerem, como já referido, a existência de uma tradição mais antiga, primordial, cuja narrativa, passada de geração em geração, preserva um núcleo comum que influenciou e moldou os diferentes registros.

REFERÊNCIAS

ALAND, Kurt *et al.* (ed.). **Novum Testamentum Graece — Nestle-Aland:** The Scholarly Edition of the Greek New Testament. 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

ALEXANDER, Philip S. Targum, Targumim. In: FREEDMAN, David N. (org.). **The Anchor Yale Bible Dictionary.** New York: Doubleday, 1992, p. 320-331.

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de; RIBEIRO, Susie Helena. Targumim, as traduções aramaicas do Antigo Testamento, e alguns paralelos com o Novo Testamento.

Perspectiva Teológica, v. 52, n. 1, p. 55, 2020. Disponível em:
<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/4368>
. Acesso em: 29 dez. 2025.

ARAMAIC TARGUM TO PSALMS 8. **Sefaria.** Disponível em: <https://bit.ly/4eKJ8r5>.
Acesso em: 15 out. 2024.

BRIGGS, Charles A.; BRIGGS, Emilie G. **A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Psalms.** V. 1. International Critical Commentary. New York: C. Scribner's Sons, 1906.

CARVALHO, Sandson Magalhães. Que é o homem? Estudo sobre o Salmo 8:3-8. In: SUÁREZ, Adolfo *et al.* (ed.). **A Bíblia em Perspectiva:** Estudos em Teologia Bíblica. São Paulo: Clube de Autores, 2014, p. 71-92.

CHALICE, Leander. **The Dead Sea Scrolls of Job from Cave 4 and Cave 11.** Edição eletrônica. Logos Bible Software. Leander Chalice, 2013.

CHILTON, Bruce D. Rabbinic Literature: Targumim. In: EVANS, Craig A.; PORTER, Stanley E. (org.). **Dictionary of New Testament Background:** A Compendium of Contemporary Biblical Scholarship. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2000, p. 902-909.

CHILTON, David H. **The Days of Vengeance:** An Exposition of the Book of Revelation. Tyler, TX: Dominion Press, 1987.

CIAMPA, Roy E.; ROSNER, Brian S. 1Coríntios. In: BEALE, Gregory K.; CARSON, Donald A. (ed.). **Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 865-973.

CRAIGIE, Peter C. **Psalms 1—50.** Word Biblical Commentary. Ed. rev. Nashville, TN: Nelson Reference and Electronic, 2004.

DAVIDSON, Richard M. **Typological Structures in the Old and New Testaments.** Tese (PhD), Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 1981.

DAVIDSON, Robert. **The Vitality of Worship:** A Commentary on the Book of Psalms. Grand Rapids, Edinburgh: Eerdmans; Handsel Press, 1998.

DAVIS, John D. **Novo Dicionário da Bíblia.** Ampliado e Atualizado. São Paulo: Hagnos, 2005.

DEVRIES, Carl E. Type, Typology. In: ELWELL, Walter A. (ed.). **Baker Encyclopedia of the Bible.** Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1988, p. 2109-2110.

DAY, John. Leviathan. In: FREEDMAN, David N. (ed.). **The Anchor Yale Bible Dictionary.** Nova Yorque: Doubleday, 1992, p. 295-296.

DORNELES, Vanderlei. A besta de sete cabeças e seus antecedentes em textos da cultura antiga. **Horizonte:** Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 15, n. 48, p. 1423-1445, 2017. Disponível em:
<https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n48p1423>. Acesso em: 29 dez. 2025.

DORNELES, Vanderlei. **A Besta de Sete Cabeças:** Monstruosidade e Construção de Fronteiras da Cultura. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

DORNELES, Vanderlei. **Leviatã:** A Besta de Sete Cabeças nas Escrituras e na Mitologia Antiga. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2025.

DOUKHAN, Jacques B. **Seventh-day Adventist International Bible Commentary:** Genesis. Nampa: Pacific Press, 2016.

EATON, John H. **The Psalms:** A Historical and Spiritual Commentary with an Introduction and New Translation. London; New York: T&T Clark, 2003.

EDWARDS, Timothy M. Targumim. In: LONGMAN III, Tremper; ENNS, Peter (ed.). **Dictionary of the Old Testament:** Wisdom, Poetry and Writings. Downers Grove; Nottingham: IVP Academic; Inter-Varsity Press, 2008.

EHORN, Seth M. Targum. In: BARRY, John D. et al. (org.). **The Lexham Bible Dictionary.** Bellingham: Lexham Press, 2016.

ELLIGER, Karl. et al. (ed.). **Biblia Hebraica Stuttgartensia.** Revisão de Hans Peter Rüger. 5. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

FUTATO, Mark D. The Book of Psalms. In: COMFORT, Philip Wesley (ed.). **Cornerstone Biblical Commentary,** Volume 7: The Book of Psalms, The Book of Proverbs. Carol Stream: Tyndale House Publishers, 2009.

GOPPELT, Leonhard. **Tipologia: A Interpretação do Antigo Testamento no Novo Testamento.** São Paulo: Fonte Editorial, 2021.

GROGAN, Geoffrey W. **The Expositor's Bible Commentary:** Isaiah, Jeremiah, Lamentations, Ezekiel. Grand Rapids: Zondervan, 1986.

GRZYBEK, Stanisław. Anthropology of Psalm 8. **Studia Theologica Varsaviensia**, p. 203-210, 2020.

GUTHRIE, George H. Hebreus. In: BEALE, Gregory K.; CARSON, Donald A. (ed.). **Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1131-1222.

KIDNER, Derek. **Salmos 1–72:** Introdução e Comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2006.

KINZER, Mark S. “**All Things Under His Feet**”: Psalm 8 in the New Testament and in Other Jewish Literature of Late Antiquity. Tese (PhD), University of Michigan, Ann Arbor, Michigan, 1995.

LEUPOLD, Herbert Carl. **Exposition of the Psalms.** H. C. Leupold Commentary Collection. Grand Rapids: Baker Book House, 1959.

MANGUM, Douglas; HAMILTON, Matthew J. Leviathan. In: BARRY, John D. (ed.). **The Lexham Bible Dictionary.** Bellingham: Lexham Press, 2016.

MARÉ, Leonard P. Psalm 8: God’s glory and humanity’s reflected glory. **Old Testament Essays**, v. 19, n. 3, p. 926-938, 2006. Disponível em:
<https://journals.co.za/doi/10.10520/EJC85827>
. Acesso em: 29 dez. 2025.

MCCANN, J. Clinton. The Book of Psalms. In: KECK, Leander E. et al. (ed.). **The New Interpreter's Bible**, Volume 4. Nashville: Abingdon Press, 1996, p. 639-1280.

MIDDLETON, J. Richard. Created in the image of a violent God? The ethical problem of the conquest of chaos in biblical creation texts. **Interpretation**, v. 58, n. 4, p. 341-355, 2004. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/002096430405800403>
. Acesso em: 29 dez. 2025.

NICHOL, Francis D. (ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia.** V. 4. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

PETERSON, Margaret K. **Psalm 8:** A Theological and Historical Analysis of Its Interpretation. Tese (PhD), Duke University, Durham, North Carolina, 1998.

PRESTES III, Flávio. **Dominion Shifts in Biblical Apocalyptic Literature:** A Narrative Reading of Daniel 7 and Revelation 12–14 Vis-à-Vis Genesis 1–3. Tese (PhD), Andrews University, Berrien Springs, Michigan, 2023.

PRINSLOO, Gert T. M. Polarity as dominant textual strategy in Psalm 8. **Old Testament Essays**, v. 8, p. 370-387, 1995. Disponível em:
https://journals.co.za/doi/10.10520/AJA10109919_618
. Acesso em: 29 dez. 2025.

RAHLFS, Alfred (ed.). **Septuaginta: Id est Vetus Testamentum Graece Iuxta LXX Interpretes.** Revisão de Robert Hanhart. 2. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

ROSZAK, Piotr. El hombre ante Dios: Comentario de Tomás de Aquino al Salmo 8, a la luz de sus fuentes. **Scripta Theologica**, v. 43, n. 1, p. 143-162, 2011. Disponível em:
<https://revistas.unav.edu/index.php/scripta-theologica/article/view/3299>
. Acesso em: 29 dez. 2025.

RUEDA NETO, Eduardo. O “Filho do Homem”: uma breve análise da expressão na literatura judaica antiga e cristã primitiva. **Kerygma**, v. 13, n. 1, p. 23-34, 2018.
Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/976>
. Acesso em: 29 dez. 2025.

SARLO, Daniel. Mar. In: BARRY, John D. (ed.). **Dicionário Bíblico Lexham**. Edição eletrônica. Logos Bible Software. Bellingham: Lexham Press, 2020.

SCHÖKEL, Luis A. **Treinta Salmos: Poesia y Oración**. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.

SILVA, Valmor da. Louvor no Salmo 8. **Estudos Bíblicos**, v. 28, n. 105, p. 21-31, 2022.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

TERRIEN, Samuel. **The Psalms: Strophic Structure and Theological Commentary**. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 2003.

THIELMAN, Frank S. Efésios. In: BEALE Gregory K.; CARSON Donald A. (ed.). **Comentário do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 1008-1033.

WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M.; MOORE, Erika. **Os Salmos Como Adoração Cristã: Um Comentário Histórico**. São Paulo: Shedd Publicações, 2015.

WALTNER, James H. **Psalms**. Believers Church Bible Commentary. Scottdale; Waterloo: Herald Press, 2006.

WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor Harold; CHAVALAS, Mark W. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALTON, John H. **O pensamento do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento: Introdução ao Mundo Conceitual da Bíblia Hebraica**. São Paulo: Vida Nova, 2021.

WIDDER, Wendy. **Textual Criticism**. Lexham Methods Series. Organizado por Douglas Mangum. Bellingham: Lexham Press, 2013.

Contribuição na coautoria: *Concepção e planejamento do estudo: ERN. Coleta, análise e interpretação dos dados: ERN, VD. Elaboração e revisão do manuscrito: ERN, VD. Aprovação da versão final: ERN, VD. Responsabilidade pública pelo conteúdo do artigo: ERN.*

Conflito de interesses: *Os coautores declaram não haver conflitos de interesses.*

Recebido em: 28-09-2025

Aprovado em: 28-11-2025

Editor de seção: Flávio Senra